



REVISTAVISUAIS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

José Maçãs de Carvalho_ arquivo e consignação:
contact-sheet

José Maçãs de Carvalho

Portugal. Artista plástico. Professor no Departamento de Arquitetura
e Subdiretor do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.
jmcarvalho60@gmail.com

Segundo Jacques Derrida (“Mal d’Archive”) vários são os passos para guardar um documento no arquivo. Um desses momentos é a consignação, da qual temos a imagem de listas, siglas ou cifras, que produzem uma qualquer ordem. A consignação implica, não somente, disponibilizar espaço de acomodação, mas também colocar os documentos em relação, num sistema articulado.

“Arquivo e Consignação” tenta comprovar a hipótese de as imagens ativarem novos significados na aproximação (física) a outras imagens, perdendo a sua unicidade para assim ganharem um sentido relacional e expansivo. Estamos perante o conceito de “imagem dialéctica” (Walter Benjamim) que não corporiza a continuidade entre passado e presente, mas concentra em si o movimento daquilo que *foi* com o *agora*, tornando-se o centro de um gesto de rememoração. Falamos também acerca da dualidade da imagem, acerca da sua capacidade de remeter a um campo de significado distante de si.

A indexação por número e letras (relação puramente convencional) é a forma mais antiga e eficaz de arquivar, para a qual, no entanto, é preciso criar um outro sistema que clarifique essa inscrição. Esta aparente clarificação é, muitas vezes, ela própria críptica e difusa, para ser esclarecida pelo arconte ou pelo burocrata.

Esta nova indexação, em “Arquivo e Consignação”, oblitera o contexto, o lugar e o tempo que, habitualmente, acompanham as fotografias nos arquivos, nos álbuns e até mesmo nas pastas informáticas. Esta omissão exclui-as de uma leitura narrativa *à priori* e aumenta a tensão recetiva, porque diante de fotografias perguntamos sempre *onde e quando*.

David Santos (2001)¹ referiu, a propósito da viagem como mecanismo de recolha de imagens, que a minha prática artística fazia

[...] desse mesmo universo um entendimento mais lato, estabelecendo *à posteriori* uma reordenação dos referentes recolhidos nas viagens, alterando-lhes a correspondência de significados entre imagem e referente [...]

¹ Neste texto de 2001, “Linguagem, verdade e percepção”, David Santos retoma a análise de Carlos Vidal no catálogo da minha exposição “Hotline”, em 1998, realizada em Macau, Hong Kong, Lisboa e posteriormente em Madrid, que, na essência, era um projeto para o espaço público.

Tem sido, aliás, uma prática recorrente no meu trabalho artístico, esta problematização do visível com o dizível pela afirmação da palavra numa relação tensa com a imagem.

Parece, por conseguinte, que estas duas problemáticas são recorrentes e substantivas : as imagens despidas de contexto, tempo e lugar, numa significação *por vir*; e a presença da palavra, que para além de trazer uma fricção linguística à imagem, também perturba a relação com o visível, até porque, nesta nova série de conjugações, falo da palavra como marca *impressiva* (Derrida), inscrita na *pele* da imagem .

Assinale-se o intencional desequilíbrio formal entre a imagem icónica e a imagem verbal (as palavras inscritas na fotografia têm uma reduzida dimensão), de forma a que, numa primeira instância (visual) o espetador veja a fotografia, sem a *perturbação* do texto, e possa, portanto, ter uma relação percetiva *muito* visual com as fotografias na parede, para só depois se aperceber dessa pequena mancha negra que se transforma em texto.

A palavra inscrita na imagem remete para textos e autores que trabalham conceitos em torno do arquivo e da memória e apresentam-se como citações.

O que nestas fotografias se faz é interromper a habitual correspondência entre imagem e palavra (especialmente se pensarmos que nos títulos da maioria das fotografias sempre consta o lugar onde ela se fez), provocando, assim, uma nova associação significacional, quer através da “leitura” individual de cada imagem, quer a partir de uma leitura narrativa da grelha. Será, pois, nesta opacidade da relação analógica da fotografia com o real, que surge este espaço de dissemelhança, onde a credibilidade da imagem é suspensa pela intrusão da palavra.

José Maçãs de Carvalho, abril, 2016.



18th century.tif



trust in the.jpg



possibility.tif



of registering.jpg



contingent.jpg



time in the.JPG



form of .JPG



discret.jpg



traces.tif



For 19th.tif



century.jpg



archive.tif



is the place.jpg



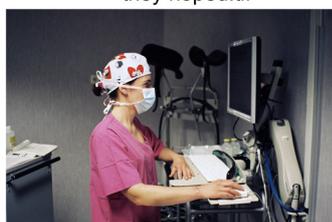
they hoped.tif



to .tif



find the.tif



sediments.jpg



of time itself.tif



There would.jpg



indeed be no.jpg



archive desire.tif



without the.tif



radical.tif



finitude.tif



without the.tif



possibility of.jpg



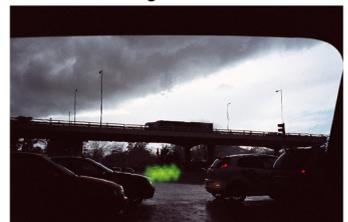
a forgetfulness.tif



which does.tif



not limit.JPG



itself to.jpg



repression.tif



Fune's .tif



problem.jpg



is not.jpg



remembering.tif



but how not.tif



to remember.tif



To limit.tif



the scope of.jpg



his memory.tif



he tries to .JPG



restrict.jpg



himself to.tif



seventy.tif



thousand.tif



memories a day.tif



psychoanalysis.jpg



is as much a.jpg



science of.jpg



writing and.JPG



of the archive.jpg



as it is a.jpg



talking cure.jpg



.tif



.jpg



hand regards.JPG



.jpg



a province of the.jpg



.jpg



.jpg



.everything is .tif



.JPG



.JPG



possessed.jpg



au dixieme jour d' experiences.tif



des images commencent.tif



à soudre, comme.tif



des aveaux.tif